

O LIVRE ARBÍTRIO NAS SEITAS E NA APOLOGÉTICA REFORMADA

*Alan Myatt**

RESUMO

A apologética tradicional normalmente aborda a questão das seitas ao apresentar evidências empíricas contra as reivindicações das mesmas ou refutar as suas doutrinas a partir da Bíblia. Porém, muitas apologéticas tradicionais têm em comum uma suposição importante e básica das seitas, isto é, a autonomia metafísica dos seres humanos. Esta suposição é expressa na doutrina arminiana do livre arbítrio (o arbítrio como causa não causada) ao invés da doutrina reformada da livre-agência (o arbítrio como livre para agir de acordo com seu caráter e as leis de causalidade, mas criado e, no final das contas, controlado por Deus). Este artigo assevera que, por esta razão, a apologética arminiana é limitada na sua capacidade de responder aos desafios levantados pelas cosmovisões das seitas. Além disso, argumenta-se que um apologeta fundamentado na teologia reformada é capaz de enfrentar essas questões de cosmovisão. Isto é demonstrado utilizando como exemplo o mormonismo. As limitações impostas à soberania de Deus pela noção mórmon de livre arbítrio o tornam um ser finito rodeado por um ambiente de mistério e caos, que coloca todo o universo num nevoeiro em que ele mesmo não pode penetrar. Um Deus como esse não pode garantir, no final das contas, que o seu plano prevalecerá contra o mal, nem pode garantir que os seus próprios planos sejam objetivamente bons. O autor defende a idéia de que somente a noção bíblico-reformada do Deus trino que controla tudo o que ocorre pode solucionar esses problemas e proporcionar segurança de salvação e vitória final ao crente.

PALAVRAS-CHAVE

Apologética, evangelismo, mormonismo, apologética reformada, arminianismo, calvinismo, seitas, cosmovisão, problema do mal.

* *Missionário da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, Doutor em Filosofia em estudos de religião e teologia pela Universidade de Denver, Colorado, EUA. Leciona Teologia Sistemática na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e é professor visitante no CPAJ.*

INTRODUÇÃO

Depois de ler a obra de Erasmo em defesa da doutrina do livre arbítrio, Martinho Lutero escreveu uma resposta a ela intitulada *Da Vontade Cativa*. Nesse volume ele respondeu a Erasmo da seguinte forma:

...elogio e gabo muito de ti o seguinte: és o único que atacou a questão em si. Isso é, a questão essencial, e não me fatigaste com aqueles assuntos secundários sobre o papado, o purgatório, as indulgências e outras coisas deste tipo que mais são frivolidades do que questões [sérias], pelas quais até agora quase todas tentaram caçar-me em vão. Tu foste o único que reconheceu o ponto central de toda [controvérsia] e pegaste a coisa pela gola; por isso te agradeço de coração.¹

Com estas palavras, Lutero quis dizer que o ponto essencial que separa os protestantes dos católicos é que a doutrina protestante rejeita a noção do livre arbítrio e os católicos a aceitam. Lutero entendeu a doutrina do livre arbítrio como a base das heresias católicas e teria entendido o arminianismo como uma volta em direção a Roma. Neste ensaio examinaremos o livre arbítrio como é definido pelos arminianos, e veremos que o estudo das seitas revela que essa doutrina é muitas vezes central nas suas teologias.

A palavra de Lutero acerca do catolicismo pode muito bem ser aplicada à maioria das seitas. Mas se isso for verdade, então, para se estabelecer uma apologética satisfatória contra as seitas será necessário também refutar essa doutrina chave. Isso significa que, no final das contas, somente uma apologética plenamente reformada é adequada para derrotar as teologias e heresias das seitas. Uma apologética comprometida com o arminianismo começa por concordar com as seitas sobre a questão central da autonomia metafísica do ser humano. Veremos que isso tem implicações graves que inevitavelmente solapam tal apologética. Por outro lado, a apologética reformada é capaz de detonar a base das heresias e mostrar que todas elas levam logicamente ao irracionalismo e, finalmente, ao niilismo. Neste trabalho abordaremos o mormonismo como exemplo para se demonstrar a eficácia da apologética reformada contra as seitas.

1. DEFINIÇÕES: DOIS POSICIONAMENTOS EM CONTRASTE

1.1 Arminianismo

Primeiramente é preciso determinar exatamente o que está em jogo. A questão é o relacionamento entre a soberania de Deus e a vontade do ser humano. Nós enfrentamos nesta questão duas visões distintas da natureza humana e, finalmente, também da natureza de Deus. Começaremos com a descrição do livre arbítrio segundo o arminianismo atual.

¹ LUTERO, Martinho. *Da Vontade Cativa*. In: *Martinho Lutero: Obras Seleccionados*, Vol. 4: Debates e Controvérsias II. Trad. por Luís H. Dreher, Luís M. Sander e Ilson Kayes, Comissão Interluterana de Literatura, (Org.). São Leopoldo: Editora Sinodal e Porto Alegre: Concórdia Editora, 1993, XV:215.

Clark Pinnock é, talvez, o defensor mais conhecido do arminianismo atualmente. Ele é um bom representante das correntes do arminianismo porque, na sua teologia, trabalha conscientemente para esclarecer e defender as implicações lógicas da teologia arminiana. No seu livro *Grace Unlimited* (Graça ilimitada), ele define o livre arbítrio como a capacidade humana original de “escolher entre a obediência do amor e a desobediência da rebeldia, gozando de livre arbítrio no sentido mais pleno, sem nenhuma coerção”.² Na mesma página ele diz que o homem tem o poder de um desempenho ativo na produção da história e da sua própria vida. O ser humano tem o poder de, literalmente, criar o futuro a partir do nada.

O significado disso é que os arminianos não somente apoiam o conceito da capacidade do ser humano de escolher livremente segundo os seus desejos, embora ainda limitado pelos parâmetros da sua natureza humana e pecaminosa. A posição arminiana diz que a vontade humana é independente de qualquer predeterminação. Mesmo admitindo a existência de influências externas, os arminianos fazem questão de dizer que elas não determinam as ações do arbítrio humano. Assim, o arbítrio não é limitado nem pela condição humana, nem pelo conselho eterno de Deus. Ele é indeterminado. Para eles, “livre arbítrio” quer dizer que o arbítrio atua como uma causa sem causa. Ele pode causar eventos, mas as suas escolhas não são o resultado de outros eventos prévios. O ser humano, portanto, tem a capacidade de iniciar na história algo totalmente novo, ou, nas palavras de John Sanders, nossa resposta a Deus é, num sentido real, *ex nihilo*.³ O ser humano é um criador tanto quanto Deus.

Assim, Pinnock pode negar que a vontade de Deus seja sempre cumprida. Ele assevera que ela é algo que pode ser rejeitado e anulado. A história é o palco de uma luta entre Deus e as potestades, e o ser humano é um dos lutadores. Deus não está dirigindo os dois lados, mas o lado do mal tem independência metafísica de Deus e, assim, não está sob o controle soberano dos decretos divinos.⁴

Essa breve definição basta para mostrar que nos bastidores do conceito do livre arbítrio encontra-se a noção de um ser indeterminado, que é o pano de fundo dos eventos da história. Em outras palavras, todos os seres, inclusive Deus, são participantes de um drama cujos atores geram o roteiro a cada momento, sem nenhuma força que determine previamente qual será o resultado. É um roteiro sem um autor único, mas com muitos autores que estão contribuindo com sua parte, criando, do nada, a história. As escolhas e ações dos atores são indeterminadas, ou seja, não causadas por condições prévias. Cada uma é totalmente livre e autônoma. O palco onde o drama está sendo realizado

² PINNOCK, Clark. *Grace Unlimited*. Minneapolis: Bethany Fellowship, 1975, p. 98. Cf. o capítulo de Pinnock em *Predestinação e Livre Arbítrio*. David Basinger e Randall Basinger, (Orgs.). São Paulo: Mundo Cristão, 1989.

³ SANDERS, John E. God as Personal. In: *The Grace of God and the Will of Man*, Clark Pinnock, (Org.). Grand Rapids: Zondervan, 1989, p. 176.

⁴ PINNOCK, *Grace Unlimited*, p. 101.

é o do ser em geral, no qual todos participam, mas que é impessoal, caótico e indeterminado. Até mesmo Deus está sujeito às suas mudanças aleatórias, embora ele esteja fazendo o melhor possível para assimilá-las e controlá-las.

O arminianismo nos apresenta uma criação que não está totalmente criada ainda. Cabe ao ser humano funcionar como co-criador com Deus. Assim, o futuro está totalmente aberto. Isso leva alguns arminianos, como Pinnock, a negar que Deus tenha conhecimento do futuro.⁵ O que não existe ainda não pode ser conhecido. Se Deus conhecesse o futuro, este seria determinado e tal realidade não seria consistente com o livre arbítrio. Para se preservar a autonomia do homem é preciso negar a onisciência de Deus, segundo Pinnock.

As implicações e problemas que decorrem dessa visão do livre arbítrio são enormes. Eles são expostos por R. K. McGregor Wright no seu livro *A Soberania Banida*.⁶ Wright mostra claramente que o arminianismo implica que o universo é controlado pelo acaso e que isso leva ao irracionalismo e à destruição de qualquer base para a responsabilidade do homem por suas ações. Além disso, o Deus dos arminianos é essencialmente finito. Ele é limitado pelo ser em geral, do qual ele faz parte e que é maior do que ele. O que nos interessa agora é o fato, também notado por Wright, de que essa visão do acaso ou do caos por trás de tudo é essencialmente a visão pagã do mundo que se encontra nas várias religiões e filosofias não-cristãs. O que elas têm em comum é o desejo de proteger a autonomia metafísica (livre arbítrio) do homem de qualquer intrusão do Deus soberano. Várias seitas defendem a doutrina do livre arbítrio com o mesmo resultado.

1.2 Calvinismo

Uma visão radicalmente diferente de Deus, do universo e do homem é a que existe na cosmovisão do calvinismo. Calvino declara nitidamente a posição reformada nas *Institutas*. As Escrituras, segundo Calvino, negam que as coisas aconteçam por acaso. Embora a razão humana não-regenerada sempre atribua ao acaso o destino das pessoas, o crente não deve pensar assim. Sejam bons, sejam maus, os eventos são todos governados pelo plano oculto de Deus. A mão de Deus está dirigindo todas as coisas para cumprir os seus propósitos.⁷ O Deus onipotente é ativo e está envolvido em tudo o que acontece. Deus não é apenas a causa primária das coisas, o motor imóvel, mas, sim, o agente que regula todas as coisas de tal maneira que nada acontece sem a sua deliberação. Por causa disso, o crente não tem que temer as estrelas ou outros sinais dos céus como os não-crentes temem. Todas essas coisas são governadas pelo plano oculto de Deus, de modo que nada acontece que não seja consciente e

⁵ Cf. PINNOCK, Clark (Org.). *The Openness of God*. Downers Grove: Inter Varsity Press, 1994. Neste livro Pinnock e outros dão uma nova definição de Deus, que nega ousadamente sua presciência sobre os eventos futuros.

⁶ WRIGHT, R. K. McGregor. *Soberania Banida: Redenção para a cultura pós-moderna*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.

⁷ CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*, I.xvi.2.

livremente decretado por ele.⁸ A presciência de Deus é abrangente, mas não está fundamentada apenas no conhecimento que Deus tem do futuro. Deus conhece o futuro porque é ele quem determina o futuro. Assim, todos os eventos procedem do plano imutável de Deus e nada acontece por acaso.⁹

O controle de Deus inclui especificamente a vontade do homem. Os homens estão sujeitos totalmente à vontade de Deus e nada podem fazer sem o poder divino.¹⁰ O ser humano não é autônomo e a sua vontade não é independente da determinação de Deus. O acaso e o destino são palavras pagãs e o povo de Deus nem deve gastar tempo pensando nelas.¹¹

O Deus testemunhado por Calvino e pela teologia reformada é radicalmente diferente do Deus dos arminianos. O Deus afirmado pela teologia reformada não faz parte do ambiente ontológico comum dos seres humanos e das demais criaturas. Deus é o seu próprio ambiente, porque não há uma realidade por detrás dele ou além dele na qual ele existe. Em hipótese alguma a ontologia bíblica permite que o homem e Deus sejam incluídos juntos, num ser geral. Se existisse, tal ser seria necessariamente impessoal e mais fundamental na natureza da existência do que o próprio Deus. Deus seria apenas mais um elemento no universo, assim como o homem.

O Deus de Calvino e da teologia reformada não existe como um elemento dentre outros no conjunto da criação. Este Deus é o Deus que a Bíblia afirma como sendo o Criador de todo ser, exceto de si mesmo. Pelo poder de sua palavra, Deus falou e criou o universo do nada, “pois ele falou, e tudo se fez; ele mandou, e logo tudo apareceu” (Sl 33.9). Assim, a Bíblia afirma a doutrina da distinção entre o Criador e a criatura. Essa doutrina é um dos pressupostos fundamentais da cosmovisão cristã, sem a qual não mais existiria o cristianismo. A negação dessa doutrina e a confusão da criatura com o Criador que se segue dessa negação é a característica básica do pensamento pagão que Paulo condena em Romanos 1.22-25.

Enquanto a ontologia arminiana postula que Deus e o homem são igualmente participantes de um ser impessoal geral, que seria necessariamente superior e independente dos dois, a ontologia bíblica, afirmada pelo calvinismo, diz que Deus é o Ser original, independente, absoluto e altamente pessoal, que livremente criou o ser e o universo. Este ser, com “s” minúsculo, é totalmente dependente do decreto criativo de Deus. A história dos eventos deste ser é também criada e dependente do decreto de Deus. Portanto, toda ação criativa do ser humano e todas as suas escolhas também são derivadas e dependentes do decreto de Deus, sem que o homem se torne irresponsável e sem que Deus se torne o autor do pecado.

⁸ *Ibid.*, I.xvi.3.

⁹ *Ibid.*, I.xvi.4.

¹⁰ *Ibid.*, I.xvi.6.

¹¹ *Ibid.*, I.xvi.8.

Deus é a causa primária do universo, pois ele o criou. O decreto de Deus não apenas deu origem ao universo como tal, mas também estabeleceu a causalidade entre todos os eventos da história, ou seja, a causalidade secundária.¹² Portanto, os eventos que acontecem não são indeterminados e não acontecem por acaso, como a teoria do livre arbítrio implica. Eles são determinados pela causalidade natural que vincula cada acontecimento e, finalmente, pelo plano de Deus. Quando uma bola de bilhar bate em outra, o movimento da segunda é causado pela força da primeira, mas tudo dentro do controle soberano de Deus.

As escolhas das pessoas também fazem parte da causalidade secundária. Elas são determinadas por eventos anteriores e determinam eventos posteriores. As decisões e ações do ser humano são assim incluídas na causalidade natural que é, em última análise, governada pelo plano de Deus. Portanto, as ações das pessoas também não acontecem por acaso.

Mas isso quer dizer que a pessoa é uma máquina ou um robô programado? Uma escolha determinada tem significado? Essas são indagações importantes e a teologia reformada tem a resposta adequada. A resposta é encontrada na idéia de *livre agência*. O livre agente não age fora do conselho determinado por Deus, mas a sua vontade não está sujeita a uma coerção contra seus desejos. Ele é livre para deliberar e determinar qual caminho vai seguir segundo seu próprio querer, personalidade e caráter, no contexto das influências sociais e espirituais que existem na sua vida. As escolhas que ele faz têm significado porque são elos na cadeia de causalidade que vinculam todos os eventos que acontecem. Essas escolhas funcionam como causas reais e concretas dos eventos, circunstâncias e resultados que se seguem delas. As escolhas do livre agente são causadas pelo caráter e os desejos da própria pessoa. Destarte, a personalidade da pessoa participa plenamente na operação da vontade.

No universo dos arminianos isso seria impossível. Num universo indeterminado não poderia existir uma cadeia de causalidade. Cada acontecimento seria um evento independente, sem vínculo com os outros. As escolhas das pessoas, sendo eventos, também seriam indeterminadas e sem vínculo com outros eventos. Escolhas indeterminadas não podem determinar nem outros eventos nem as subseqüentes escolhas das pessoas num universo onde tudo é indeterminado. O livre arbítrio significa a negação da responsabilidade e da coerência da personalidade humana. Mas no universo dos calvinistas, o decreto soberano de Deus estabelece e sustenta a livre agência do homem e o significado de toda a sua atividade.

O contraste entre o universo dos arminianos e o dos calvinistas não pode ser mais distinto. De um lado nós temos um ser impessoal que abrange tudo, Deus inclusive, numa teia de contingência ou puro acaso. Deus é assim limitado e o homem é deixado boiando num mar de puro acaso que nem ele nem

¹² Cf. *Confissão de Fé de Westminster*, capítulo 5.

Deus podem dominar. Do outro lado, nós temos o Deus Trino independente, o único que constitui o Ser original, pessoal e não criado. Segundo seu plano e decreto, ele fez e mantém todas as coisas com todas as suas relações umas com as outras, dando significado a cada fato. A criação na sua totalidade, coisas e eventos, matéria e energia, espaço e tempo, é um ser dependente e distinto de Deus, que encontra o seu propósito em cumprir o plano de Deus para a glória de Deus.

2. O LIVRE ARBÍTRIO E AS SEITAS

A distinção entre a teoria do livre arbítrio, segundo o arminianismo, e a livre agência, segundo o calvinismo, revela que a questão em jogo é a distinção entre duas diferentes cosmovisões. Com essa distinção em mente, podemos voltar à tese principal deste artigo, a saber, que a teoria do livre arbítrio segundo o arminianismo é basicamente igual à teoria do livre arbítrio que se encontra nas seitas. Assim, existe um pano de fundo ontológico comum entre o arminianismo e as seitas, que está ausente da Bíblia. Portanto, qualquer apologética fundamentada em princípios arminianos será inadequada para confrontar as seitas. É necessária uma apologética conscientemente reformada, alicerçada na soberania de Deus. Essa tese será demonstrada, primeiro, através de observações da doutrina do livre arbítrio em várias seitas, e depois através de uma exposição mais profunda das conseqüências da doutrina do livre arbítrio na teologia dos mórmons. Primeiro, é preciso demonstrar como a doutrina arminiana é parecida com a das seitas.

No livro, *Reasoning From Scripture* (Raciocinando a partir das Escrituras), as Testemunhas de Jeová declaram que Deus não predestina os eventos da história. Deus não decretou a queda de Adão. Ele nem previu que a queda aconteceria.¹³ Citando Eclesiastes 9.11, a *Torre de Vigia* ensina que muitas coisas acontecem puramente por acaso. Esses eventos são desconhecidos de antemão.¹⁴ Jeová, segundo a *Torre de Vigia*, pode desligar seu conhecimento do futuro. Ele é capaz de conhecer os eventos, mas opta por se limitar a somente uns poucos deles, para não violar o livre arbítrio dos seres humanos.¹⁵ Deus pode conhecer o futuro, mas também pode não conhecer.¹⁶ Ele não predestina alguns para a salvação e outros para a reprovação, mas, sim, respeita o livre arbítrio de cada um.¹⁷

É óbvio que, quanto à questão do livre arbítrio, a doutrina das Testemunhas de Jeová (TJ) é igual à dos arminianos. Entretanto, as TJ não têm o receio de admitir que logicamente isso limita a presciência de Deus, enquanto que a maioria dos arminianos prefere ignorar este ponto e continuar crendo que Deus

¹³ RHODES, Ron. *Reasoning from the Scriptures*. Brooklyn: Watchtower Bible and Tract Society, 1985, p. 142.

¹⁴ *Ibid.*, 139.

¹⁵ *Ibid.*, 141.

¹⁶ *Aid to Bible Understanding*. Brooklyn: Watchtower Bible and Tract Society, 1971, p. 596.

¹⁷ *Ibid.*, p. 596.

conhece o futuro. Pinnock, ao rejeitar a presciência de Deus, nitidamente se coloca ao lado das TJ. Ele mostra que, logicamente, o paralelo entre a ontologia dos arminianos e a das TJ permanece intacto.

Albert Pike fala sobre a noção do livre arbítrio na maçonaria. O livre arbítrio é representado pelo símbolo de Satanás, que não é um ser pessoal. Diz ele: “Para os iniciados, isso (Satanás) não é uma pessoa, mas uma força, criada para o bem, mas que podia servir para o mal. Ele é o instrumento da liberdade ou do livre arbítrio.”¹⁸ A maçonaria, sendo uma religião gnóstica, também coloca Deus no conceito de um ser comum, juntamente com o homem.

O Reverendo Sun Myung Moon, da Igreja da Unificação, ensina que há um sincretismo entre a ação de Deus e a ação do homem para se cumprir o propósito de Deus. O homem não depende totalmente de Deus para alcançar a perfeição, mas depende do seu próprio desempenho.¹⁹ O ser comum, compartilhado por Deus e as criaturas, na teologia de Moon é mais pronunciado do que no caso dos arminianos, porque Deus, segundo Moon, gerou as criaturas do seu próprio ser. Mas, mesmo assim, a noção de autonomia é a mesma.

L. Ron Hubbard, o fundador da Cientologia, também defendeu o livre arbítrio no seu livro, *Dianetics*. Segundo Hubbard, o homem é um organismo auto-determinado. Se ele não fosse assim, seria reduzido ao nível de animal.²⁰ Por isso, ele precisa da terapia oferecida pela Igreja da Cientologia. Somente isso pode livrá-lo das influências externas que limitam o livre arbítrio.

A Ciência da Mente, um precursor do Movimento da Nova Era, ensina o panteísmo e a divindade de todas as pessoas. Esta seita acredita que “o homem deve ser criado com a possibilidade de liberdade ilimitada e deixado em paz para descobrir a si mesmo”.²¹ Se ele sofrer, não é por causa de algum decreto divino, mas simplesmente porque violou a Lei da Realidade na sua ignorância.²² Essa cosmovisão põe o ser humano entre a liberdade absoluta de um lado e um destino impessoal e rígido, de outro.

Nestas breves citações temos uma amostra das idéias sobre o livre arbítrio que se encontram nas seitas. Apesar de algumas diferenças, a noção da autonomia metafísica do homem de qualquer causalidade anterior é um elemento comum. Podemos ampliar a lista com outras seitas, mas isso não é necessário para sustentar o argumento. Devemos refletir sobre o fato de que o calvinismo é declarado como inimigo tanto pelas seitas quanto pelos arminianos. Será que isso é acidental? Qual poderia ser a fonte dessa declaração comum? Devemos refletir sobre isso enquanto continuamos nosso estudo. Faremos isso através de um exame mais profundo de outra seita que também defende o livre arbítrio, a saber, o mormonismo.

¹⁸ PIKE, Albert. *Morals and Dogma: Ancient and accepted rite*. Washington, DC: House of the Temple, 1950, p. 102.

¹⁹ MOON, Sun Myung. *The Divine Principle*. New York: Unification Church, 1973, p. 55.

²⁰ HUBBARD, L. Ron. *Dianetics*. Los Angeles: American Saint Hill, 1950, p. 229.

²¹ HOLMES. *Science of Mind*. New York: Dodd, Meade and Company, 1963, p. 109.

²² *Ibid.*, p. 109.

2.1 A Cosmovisão dos Mórmons

Segundo o autor mórmon LeGrand Richards,

As escrituras sagradas não sustentam a posição extrema de muitos segundo a qual alguns são predestinadas para a vida eterna e, apesar de suas ações, a alcançarão, enquanto que outros são predestinados para a reprovação eterna, e se predestinados assim, não podem fazer coisa alguma sobre isso.²³

É claro que Richards deturpou a doutrina da predestinação, mas é igualmente claro que ele negou qualquer predestinação divina. O líder mórmon Bruce McConkie escreveu que a “agência é a capacidade de escolher o bem ou o mal. Ela é um princípio eterno que existira com Deus desde toda a eternidade”.²⁴ Essa agência é o poder de escolha.²⁵ McConkie não permite qualquer dúvida quanto à oposição da doutrina da livre agência, segundo o mormonismo, ao calvinismo. As igrejas que ensinam que os homens são predestinados a receber a salvação ou a maldição, segundo a eleição de Deus, não encontram nenhum lugar na sua teologia de livre agência. Seu raciocínio é este: Por que o ser humano tem necessidade da livre agência, para ser capaz de fazer boas obras que levam à salvação, se a salvação é determinada pela Divinidade com base da predestinação, apesar das obras? Portanto, segundo McConkie, a “falsa” doutrina da predestinação gera a falsa doutrina que os homens não são livres para efetuar a sua própria salvação, como se torna possível pelo sacrifício expiatório de Cristo.²⁶ Assim, a noção do livre arbítrio, ou a suposta autonomia do homem em relação a Deus, é defendida de forma semelhante à dos arminianos. A presença dessa doutrina na teologia mórmon é fundamental para o seu conceito de Deus, do homem, da salvação e do universo.

2.1.1 Deus e o homem

Joseph Smith estabeleceu os parâmetros da doutrina de Deus que ainda prevalece entre os mórmons no seu *King Follet Discourse* (Discurso do rei Follet). Ele disse que

o próprio Deus foi uma vez como nós somos agora, e é um homem exaltado, e assenta-se no trono lá nos céus! Esse é o grande segredo. Se o véu fosse rasgado hoje, e o grande Deus que mantém este mundo em sua órbita, e que sustenta todos os mundos e todas as coisas por seu poder, se tornasse visível, – eu digo, se vocês vissem-no hoje, vocês o veriam na forma de homem – igual a vocês na pessoa, imagem e mesmo na forma de homem.²⁷

²³ RICHARDS, LeGrand. *A Marvelous Work and a Wonder*. Salt Lake City: Deseret Books, 1953, p. 340.

²⁴ McCONKIE, Bruce. *Mormon Doctrine*. Salt Lake City: Bookcraft, 1966, p. 26.

²⁵ *Ibid.*, p. 26.

²⁶ *Ibid.*, p. 28.

Obviamente, a implicação lógica dessa noção é que Deus é um ser finito. Sterling McMurrin, filósofo mórmon, explica a natureza do Deus dos mórmons no seu livro *The Theological Foundations of the Mormon Religion* (O alicerce teológico da religião mórmon). Segundo McMurrin, os mórmons descrevem a Deus com “linguagem não-absoluta como um ser condicionado pelo, e relacionado com, o mundo do qual ele faz parte e que, desde que ele [o mundo] não é, no fim das contas, a sua criação, não está completamente sob o seu domínio”.²⁸ Este Deus não é o criador nem dos elementos fundamentais do universo, nem do espaço e do tempo. Ele é mais parecido com o demiurgo de Platão. Ele é um artesão que trabalha com a matéria-prima do universo para dar-lhe forma. Deus existe no ambiente do universo físico, junto com os demais seres e mentes. Os princípios que estruturam o universo fazem parte desse ambiente. McMurrin afirma que é um artigo fundamental da teologia dos mórmons que Deus se relaciona com um ambiente mundial do qual ele não é o alicerce e pelo qual ele mesmo é condicionado. Deus é somente um ser entre outros seres, não a origem de todo ser, e assim ele é finito em vez de ser absoluto.²⁹

A distinção entre o Criador e a criação é negada pela doutrina de Deus do mormonismo. McMurrin nota que isto é muito parecido com a posição do naturalismo filosófico, como se encontra na filosofia dos gregos antigos e dos humanistas de hoje.³⁰ A existência do universo não é atribuída ao ato criativo de Deus. O universo apenas existe e ponto final. Deus não é a totalidade do ser original e não é a fonte derradeira de todo ser. McMurrin corretamente diz que isto é um desvio radical do teísmo tradicional, seja o teísmo cristão, judaico ou islâmico. Portanto, há uma negação fundamental da distinção entre o sobrenatural e o natural na teologia mórmon. Deus é apenas mais um ser natural entre todos os outros porque tudo que existe é o universo natural. Não existe nenhuma ordem divina que seja distinta da ordem física da experiência normal. Deus existe no tempo e no espaço. Não existe substância imaterial. Deus tem um corpo tanto quanto o homem.³¹

Ontologicamente, Deus e o homem existem como seres finitos numa realidade, num ambiente ontológico, comum. A distinção entre os dois pode ser descrita mais como uma distinção quantitativa do que qualitativa. A limitação de Deus ao universo temporal significa que Deus está em processo, como todos os seres conscientes. Diz McMurrin:

²⁷ SMITH, Joseph. King Follet Discourse. In: *History of the Church: Period 1*. Vol. 6. Salt Lake City: Deseret Books, p. 305.

²⁸ McMURRIN, Sterling. *The Theological Foundations of the Mormon Religion*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1965, p. 29.

²⁹ *Ibid.*, p. 29

³⁰ *Ibid.*, p. 2.

³¹ *Ibid.*, pp. 2-3.

Deus não é colocado, portanto, nem acima nem fora, mas dentro do processo contínuo do universo. A imutabilidade da realidade é assim negada, e a história mundial, a história humana, o desempenho humano, as coisas que os seres humanos conseguiram, e a liberdade humana, ganham um significado novo, porque o futuro é real e único, não apenas a partir da perspectiva do homem, mas também da ótica de Deus.³²

Dessa visão da realidade, irremediavelmente se segue a noção da “grande cadeia do ser”, que diz que todo ser está evoluindo através de uma escala de existência para as regiões mais altas. O conceito da “grande cadeia do ser” é a tentativa pagã de resolver o problema do Um e do Múltiplo (o Um e os Muitos).³³ Este problema lida com a necessidade de descrever a relação entre a diversidade de coisas que existem e a unidade aparente por detrás de todas as coisas. Por exemplo, existem muitos cachorros, mas qual é o conceito comum de “cachorro” que serve para unificar todos eles numa só classe de animais? O que é o último, a unidade ou a diversidade? Não tendo resposta, a mente não-cristã resolve a tensão entre a unidade absoluta, que absorve e destrói a individualidade, e a diversidade absoluta, que reduz tudo a entidades caóticas e sem vínculo umas com as outras, através da criação desta cadeia. A diversidade – e o caos do não-ser – ficam embaixo, e a unidade – o ser perfeito – fica por cima. Todas as coisas têm seus lugares, como elos na cadeia, com as mais perfeitas, que participam do ser absoluto, nos lugares superiores.

A cadeia também é vista como uma escada cujos vários níveis levam os seres para cada vez mais perto da divindade. Todas as criaturas têm seus lugares na escada, que começa no caos do não-ser e ascende para a unidade do ser absoluto. Esse conceito, que vem do ocultismo, valoriza os seres mais altos, e, geralmente, as várias religiões pagãs incluem algum mecanismo cujo propósito é levar as criaturas e entidades caídas de volta para cima. No hinduísmo e no espiritismo o mecanismo é a reencarnação. No catolicismo romano é o sistema sacramental. No mormonismo é a progressão eterna, que é o plano de salvação dos mórmons.

O homem, segundo o mormonismo, foi colocado na terra para progredir de seu estado inferior até se tornar um ser divino, um deus. Foi isso o que Deus fez. O homem é um filho espiritual de Deus, mas mesmo isso significa apenas que a atividade criadora de Deus somente organizou e deu forma à essência individual de cada ser humano nesta terra. Essa essência fundamen-

³² *Ibid.*, p. 39.

³³ O problema do Um e do Múltiplo é um dos principais problemas filosóficos que cada cosmovisão procura resolver. O problema surge no pensamento não-cristão logo no início porque o Deus Trino não é a base da cosmovisão não-cristã. O leitor encontrará uma discussão do problema em GEISLER, Norman e FEINBERG, Paul. *Introdução à Filosofia: Uma perspectiva cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983. Infelizmente, o tomismo de Geisler impede que ele aborde corretamente o problema. O Um e o Múltiplo, bem como a Grande Cadeia do Ser, são tratados a partir de uma perspectiva reformada por R. K. McGregor Wright em *Soberania Banida*, capítulo quatro.

tal sempre existiu e, segundo o mormonismo, é, como McMurrin relata, não-criada, não-derivada e sem início. Neste esquema, a diversidade é a realidade ulterior (como a unidade é no hinduísmo). A realidade é vista como uma pluralidade de particulares indeterminados.³⁴ Destarte, o universo é contingente ou indeterminado, e o futuro está aberto, sendo um mistério tanto para Deus quanto para o homem.

2.1.2 *O problema do mal*

Os mórmons asseveram que a sua teologia resolve o problema do mal porque seu Deus não pode ser acusado de o ter criado. A liberdade (livre arbítrio) é uma propriedade da pessoa não-criada e a probabilidade da existência do mal moral faz parte da estrutura original das coisas.³⁵ Deus enfrenta o mal como um fato do universo, e a natureza divina luta contra ele. Segundo Joseph Smith, o mal moral é uma das existências eternas tanto como o espaço e o tempo.³⁶ O bem moral também existe independentemente de Deus. O bem e o mal existem como duas realidades iguais, segundo o *Livro de Mórmon*, porque na natureza do universo há a necessidade de uma oposição em todas as coisas (2 Nefi 2:11-17). McMurrin mostra que isso não significa apenas que o mal existe para possibilitar o bem, mas, e essa é uma idéia muito mais forte, que o mal deve existir simplesmente porque ele existe inevitavelmente. McMurrin está certo ao afirmar que a noção da existência do mal, assim desenvolvida no *Livro de Mórmon*, é irreconciliável com a doutrina da criação *ex nihilo*, como na teologia de Agostinho.³⁷ Obviamente a visão dos mórmons tem muito mais em comum com o maniqueísmo que Agostinho abandonou e refutou do que com a doutrina da criação que ele defendeu e que também se encontra na teologia reformada.

2.1.3 *Mormonismo e arminianismo*

Nós vimos nas citações acima que os mórmons defendem uma noção de autonomia, o livre arbítrio, igual ao conceito arminiano. 2 Nefi 2, no *Livro de Mórmon*, desenvolve as implicações do livre arbítrio na teologia dos mórmons. O argumento começa com o dualismo ético e afirma que a queda do homem no pecado foi, na verdade, uma coisa boa, desde que o homem carecia do conhecimento do bem e do mal para atingir a sua divindade. No fim, o argumento chega ao clímax com a afirmação da glória da autonomia humana. McMurrin explica que isso é uma rebelião contra a doutrina do pecado original, e que o homem, na teologia dos mórmons, não possui uma natureza pecaminosa.³⁸ O *Livro de Mórmon*, segundo McMurrin, reflete a reação arminiana

³⁴ McMURRIN, *The Theological Foundations*, pp. 49-50.

³⁵ *Ibid.*, p. 99.

³⁶ *Ibid.*, p. 108.

³⁷ *Ibid.*, pp. 97-98.

contra o calvinismo – e contra qualquer forma de predestinação!³⁹ O livre arbítrio é supremo e deve ser defendido em tudo.

O livre arbítrio afirmado pelo mormonismo é o poder pleno de escolhas contrárias, no mesmo sentido em que é defendido por Pinnock. Essa visão é exatamente igual ao conceito arminiano e subentende uma visão metafísica que também é semelhante. É somente por falta de consistência lógica que os arminianos não vão tão longe como os mórmons no seu desvio da ortodoxia cristã. O mórmon admite que a sua posição em prol do livre arbítrio destrói completamente a distinção entre o Criador e a criação, enquanto que o arminiano tenta ignorar essa dificuldade óbvia.

Não deve ser uma surpresa que o arminianismo, no fim das contas, não pode refutar o mormonismo com êxito. Eles têm pressupostos comuns acerca da autonomia do ser humano. Nos dois sistemas Deus enfrenta um mistério último que dá cabo da sua onisciência e presciência (apesar das afirmações de alguns arminianos no sentido contrário). Existe uma área do ser sobre a qual tanto Deus quanto o homem não podem conhecer coisa alguma. Existe a possibilidade de que algum fator ainda desconhecido possa surgir e acabar com o plano de Deus. Algum fato ainda não descoberto poderia demonstrar que todo o nosso conhecimento e o conhecimento de Deus sejam falsos. Assim, o alicerce da revelação bíblica é posto em dúvida. Como é que o arminiano pode argumentar que a revelação que ele recebeu na Bíblia é superior ao *Livro de Mórmon* quando nem todos os fatos são conhecidos e nunca serão? O domínio do ser desconhecido pode irromper e destruir tudo que nós achamos que é verdadeiro hoje.

2.2 Uma resposta reformada

O esboço de uma resposta reformada mostra que somente uma apologética alicerçada na soberania de Deus, como é apresentada na teologia da Reforma, é capaz de refutar as heresias do mormonismo. O método aqui defendido se baseia nas obras de Cornelius Van Til e Gordon H. Clark (presbiterianos), dois dos três apologetas mais importantes do século 20 (o terceiro é o batista Carl F. H. Henry). Ficará nítido que somente uma filosofia radicada no Deus Trino da Bíblia, cujos decretos controlam tudo o que acontece, pode defender a fé cristã e erigir uma cosmovisão adequada.

O método é o da argumentação através dos pressupostos, qual seja, o de indicar os pressupostos que formam a base metafísica e epistemológica da sua cosmovisão e demonstrar que estes pressupostos, e somente estes, podem sustentar uma interpretação do universo que não termina no irracionalismo. O argumento revela os pressupostos da posição não-cristã e mostra que ela acaba destruindo a possibilidade de conhecimento e qualquer interpretação racional da realidade.

³⁸ *Ibid.*, pp. 66-67, 71-72.

³⁹ *Ibid.*, pp. 77-78, 81.

2.2.1 *Deus e o homem*

O conceito reformado de Deus afirma que ele é absoluto. Os seus atributos são atributos de um ser infinito. O significado disso é que nem o ser de Deus, nem o plano de Deus, são condicionados por qualquer coisa fora do próprio Deus. Deus é eterno porque ele transcende o tempo e é onipresente porque ele transcende o espaço, embora esteja presente em todo lugar no espaço. O conhecimento de Deus é auto-referencial. O seu conhecimento não é derivado de uma outra fonte, fora de Deus, mas é original com Deus.⁴⁰ Ele não conhece o futuro porque olhou para a frente e o assistiu como se fosse um vídeo. Ele conhece o futuro porque conhece o seu plano original e exaustivo e o determinou segundo esse plano.

Van Til também explica que Deus é a personalidade absoluta. Os atributos de Deus não são abstratos, mas refletem a atividade moral de Deus. Não existe nenhum princípio de verdade, do bem ou da beleza fora de Deus ou acima dele, por cujo padrão ele tenha feito ou organizado o mundo. Os princípios de verdade, bem e beleza são idênticos à essência de Deus e essa essência é puramente pessoal. Nós somos pessoas também, mas pessoas somente num sentido finito. Há uma distinção qualitativa, não apenas quantitativa, entre nós e Deus.⁴¹

A personalidade de Deus implica a doutrina da pluralidade de pessoas no único ser de Deus. As três pessoas são “consustanciais” ou seja, nenhuma é derivada das outras. A unidade e a diversidade são igualmente originais. Este é um ponto importante para se resolverem as dificuldades que os arminianos e os mórmons não conseguiram resolver. Como Van Til observa, “para nós tudo depende, quanto ao seu significado, desse tipo de Deus”.⁴²

Outro pressuposto essencial da fé reformada é a distinção entre o Criador e a criação. Como foi descrito acima, a Bíblia defende uma distinção absoluta entre a criação e o Deus criador. O Deus Criador é o Ser original, não-criado, eterno, absoluto, etc. Ele criou o ser dependente do universo, que é distinto da sua própria essência. A fé reformada nega que exista um ser geral que abranja Deus e a criação juntos. Deus não existe no ambiente de um universo maior que ele, que inclua os outros seres também. Deus conhece seu próprio Ser completamente e também o ser do universo que ele criou. Para ele, não há mistério, nem no seu Ser, nem na criação.

O Deus finito dos mórmons supostamente revela várias informações através das escrituras dos mórmons e dos profetas. Tais revelações são necessariamente limitadas às porções do universo que esse Deus finito já pesquisou, conquistou e está manipulando. Existem vastas áreas no espaço que ainda têm de ser organizadas por outros deuses. Portanto, as revelações do mormonismo

⁴⁰ VAN TIL, Cornelius. *The Defense of the Faith*, 2ª ed. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1967, p. 11.

⁴¹ *Ibid.*, p. 12.

⁴² *Ibid.*, p. 13.

são nada mais do que as interpretações de seres finitos sobre um universo que é finalmente um mistério. A sua essência nunca pode ser penetrada por seres finitos, porque isso exigiria um conhecimento verdadeiramente exaustivo de todos os fatos, passados, presentes e futuros. Para os deuses dos mórmons, muito do que existe sempre permanecerá desconhecido. Logicamente, os mórmons não têm garantia nenhuma contra a possibilidade de que em algum lugar distante, no universo ainda não conhecido, serão encontrados outros deuses, mais poderosos, que não concordam com o plano dos mórmons e que derrotarão os deuses dos mórmons e colocarão todos eles, com os próprios mórmons, no lago de fogo eterno. McMurrin nota que alguns teólogos mórmons reconhecem o problema, mas escondem esse fato atrás de uma linguagem absoluta. Os mórmons freqüentemente falam de Deus como se fosse eterno, infinito e absoluto, mas isso é realmente apenas relativo à condição do ser humano.⁴³

Obviamente, tal “deus” não pode garantir a segurança do futuro de ninguém. O uso da linguagem absoluta é um engano, ou desonestidade, e de forma alguma representa a verdade. Mas essa linguagem serve para apagar o medo do mórmon típico, que nunca ousa fazer perguntas desta natureza sobre a sua fé. Logicamente, a mesma conclusão é aplicável ao arminianismo, quando levado à sua conclusão lógica. Somente um Deus que controla tudo que acontece, o Deus absoluto, pode garantir que não existem outros poderes no universo, maiores que ele mesmo. Somente um Deus que é a origem de todo conhecimento e que não enfrenta mistério no universo pode dar uma revelação infalível e inerrante. E somente existindo tal revelação é que qualquer tipo de conhecimento é possível. Embora o homem enfrente mistérios no universo, ele pode ter conhecimento verdadeiro e confiável porque recebeu a revelação inerrante de Deus, na Bíblia. Essa revelação serve como a base epistemológica de todo conhecimento humano.

2.2.2 *O problema do mal*

A alegação de que o mormonismo resolve o problema do mal não tem base ao se examinarem os fatos. O problema principal é que, no fim das contas, a cosmovisão do mormonismo não dá base alguma para se distinguir entre o bem e o mal. O bem e o mal se tornam conceitos arbitrários. Os mórmons dizem que o bem e o mal são conceitos absolutos que existem na natureza. Mas eles também dizem que não existem substâncias imateriais. Isso significa que, em algum sentido, o bem e o mal devem ser substâncias materiais. Mas isso é um absurdo. O bem e o mal são idéias e, como tais, não podem existir a não ser nas mentes de seres pessoais.

Agora, se não existisse nenhuma mente absoluta, distinta e soberana sobre toda a criação, então os conceitos do bem e do mal só existiriam em mentes igualmente finitas. Tais mentes seriam igualmente condicionadas pelas

⁴³ McMURRIN, *The Theological Foundations*, pp. 106-107.

forças impessoais, irracionais e materiais do ser em geral do universo que seria o ambiente comum dessas mentes. Em outras palavras, as idéias de um ser finito não podem ter prioridade sobre os outros seres finitos. Todas são iguais. Assim, no universo dos mórmons, cada ser teria sua própria idéia sobre o bem e o mal, e todo discurso sobre ética seria apenas uma questão das opiniões das várias mentes finitas. Então, o que uma pessoa (ou um deus) acha que é o bem pode ser o que uma outra acha que é o mal. Não haveria tribunal de apelação superior. No fim, a vontade do ente mais avançado e poderoso venceria. Assim, a situação fica ainda pior para o mórmon, porque não se trata de que ele apenas não pode saber se o seu deus pode manter seu poder no futuro e não ser derrotado por algum inimigo, mas o mórmon nem sabe se o seu deus está certo ou não! O conceito do bem no mormonismo é puramente arbitrário. Se os mórmons não estivessem tomando emprestado os valores bíblicos herdados da Reforma, eles nem poderiam ter qualquer ética.

Gordon Clark demonstrou que a resposta do problema do mal é que simplesmente não há ser superior a Deus. Por isso, não há padrão do bem e do mal que esteja além de Deus. O padrão é o caráter de Deus como é expresso nos seus decretos. Se Deus faz algo, então, isso é, por definição, certo. Não há lugar para o homem poder julgar a Deus.⁴⁴

CONCLUSÃO

O mórmon se considera um ser livre e capaz de interpretar a realidade sem referência ao Deus Trino que determina tudo. Nesta visão, ele obtém o conhecimento através de meios empíricos, enquanto ele e os seus deuses trabalham para superar o domínio do mistério ulterior do universo. A salvação vem através do trabalho e mérito do indivíduo autônomo. É assim que o homem se torna deus. Mas, para ter essa autonomia, ele paga um preço muito alto. Porque, no fim, ele não pode confiar na sua salvação e nunca sabe se as suas obras são suficientes ou se uma força ou fator não previsto vai arruinar tudo.

O conceito de autonomia metafísica, o livre arbítrio, é responsável pela desordem epistemológica e ética demonstrada aqui. O mormonismo pressupõe um universo impessoal e materialístico que produz um deus finito, cego quanto ao futuro e à essência das coisas, e incapaz de se proteger contra o caos do misterioso mar do ser que é seu ambiente comum com o homem. Ele é um deus fraco que não é digno de louvor ou da imitação dos seres humanos. O conceito mórmon de deus é exatamente o contrário do que a Bíblia ensina. Mas, logicamente, é muito parecido com o do arminianismo.

O arminianismo é inadequado para refutar os mórmons porque sofre de muitos dos seus defeitos. Existindo num ser comum com o homem, igual ao deus mórmon, o Deus dos arminianos também é limitado pela sua criação.

⁴⁴ CLARK, Gordon H. *Religion, Reason, and Revelation*. Nutley, NJ: The Craig Press, 1978, pp. 232-233.

Logicamente, os arminianos não podem afirmar que a Bíblia seja superior ao *Livro do Mórmon* porque os dois são revelações de deuses limitados pela autonomia do ser humano, e do ser geral que eles não criaram. Os arminianos não têm resposta para a limitação do conhecimento de Deus porque seu Deus é circundado pelo mistério tanto quanto o deus dos mórmons. A epistemologia arminiana, enfim, acaba no mesmo lugar da epistemologia mórmon.

Os arminianos também não conseguem propor uma solução para o problema do mal que seja superior à dos mórmons. O Deus arminiano, logicamente, não é o ser último. O ambiente comum entre Deus e o homem é o ser impessoal do universo. Os princípios do bem e do mal, se viessem de Deus, seriam apenas a opinião de um ser que não é o ser ulterior. Mas se ele não for o ser ulterior, por que a sua opinião deve ser o referencial final? Por que não a opinião de um outro ser que também não é derradeiro? A ética em tal sistema seria relativa. Como é que uma ética última e absoluta, como nós encontramos na Bíblia, pode ser derivada de um ser que não é o ser absoluto?

Finalmente, um Deus como o de Pinnock, que não conhece o futuro, também não pode evitar a possibilidade de uma derrota futura nas mãos de um ser agora desconhecido que seja ainda mais poderoso. Um ser finito não tem como garantir que ele seja a força maior no universo. Para onde vão, então, as promessas de Deus e a confiança do cristão na sua salvação? Em que sentido esta situação é superior àquela em que se encontram os mórmons?

Em toda e qualquer instância, a apologética reformada tem as únicas respostas para essas dificuldades. A apologética reformada começa a partir do Deus soberano, absoluto e último da teologia reformada, como é ensinada na Bíblia. Desde que ele tem todo conhecimento e poder sobre a criação, não sofre das limitações que enfraquecem a teologia arminiana e a teologia dos mórmons. Assim, o crente pode confiar que há uma solução para o problema do mal e que Deus nunca será derrotado por outras forças no universo. O crente calvinista tem boas novas de verdade para o mórmon, que está procurando um Deus maior que possa lhe dar esperança e segurança. Agradecemos ao Deus verdadeiro pelo fato de o “deus” dos mórmons não existir, e de não ser ele, o Deus verdadeiro, o que tentam afirmar os arminianos.

ENGLISH ABSTRACT

Traditional apologetics usually approach the cults either through presenting empirical evidence against their claims, or refuting their doctrines from the Bible. However, much of traditional apologetics shares a basic important assumption of the cults, namely, the metaphysical autonomy of human beings. This assumption is expressed in the Arminian doctrine of free-will (the will as an uncaused cause) as opposed to the Reformed doctrine of free-agency (the will as free to act according to its character and the laws of causality, but created and ultimately controlled by God). This article argues that, for this reason, Arminian apologetics are limited in their capacity to respond to the challenges raised by cultic world views. It is further argued that an apologetic based on Reformed theology is capable of addressing these worldview issues and this is demonstrated by using Mormonism as a case study. The limitations placed on God's sovereignty by the Mormon notion of free-will renders him into a finite being surrounded by a common environment of mystery and chaos, shrouding the entire universe in a mist that even he cannot penetrate. Such a God ultimately cannot guarantee that his plan will prevail against evil, nor can he guarantee that his own plans are objectively good. The author argues that only the Reformed notion of the Triune-God of the Bible who controls whatsoever comes to pass, can resolve these problems and provide security of ultimate salvation and victory to the believer.

KEY-WORDS

Apologetics, evangelism, Mormonism, Reformed apologetics, Arminianism, Calvinism, cults, worldview, the problem of evil.